

CORREIO ESPORTIVO

COB

O COB apresentou o novo Programa Olímpico de Patrocínio e lançou a Time Brasil TV, em parceria com a Play9, agência de Felipe Neto, em um evento em São Paulo.

A entidade revelou seu plano comercial e de conteúdo até 2028, com o objetivo de lançar novos produtos audiovisuais e reforçar o modelo de parceria de marcas. Uma base em São Paulo, coordenada pela agência 4B Sports e que terá uma célula de negócios batizada de 18-96, vai prospectar as oportunidades de mercado.

A 4B Sports é de Gilberto Ratto, ex-diretor de marketing da CBF e que desde o último ciclo vem trazendo patrocínios para os esportes

Wander Roberto/ COB



Evento foi em um cinema de SP

Flu tentou Neymar e CR7

Mário Bittencourt, presidente do Fluminense, afirmou que sondou as contratações de Neymar e Cristiano Ronaldo para a disputa do Super Mundial. Mário entrou em contato com o Santos por Neymar. Segundo ele, a ideia era fazer uma “parceria” onde o craque jogaria o Mundial pelo Fluminense e voltaria ao Santos caso optasse pela renovação do contrato.

Neymar descartou a possibilidade. Segundo Mario, o camisa 10 quer usar o período de pausa para o Mundial para tratar a parte física.

O Fluminense também sondou Cristiano Ronaldo. O português é jogador do Al-Nassr, que não vai disputar o Super Mundial, e tem futuro incerto no clube.

Mário tentou contato com Jorge Mendes, ex-agente de CR7. A sondagem não deu certo, uma vez que o astro português não quer jogar no Brasil no momento.

O Fluminense tem até o dia 10 deste mês para anunciar reforços visando o Mundial.

Homem certo para o trabalho

Carlo Ancelotti é capaz de desmontar problemas, afirma Falcão

Por Josué Seixas (Folhapress)

Paulo Roberto Falcão, 71, é uma das pessoas entusiasmadas com a contratação do italiano Carlo Ancelotti, 65, para dirigir a seleção brasileira. Velho amigo do italiano, vê nele as qualidades necessárias para fazer sucesso no time nacional verde-amarelo.

O catarinense teve Ancelotti como companheiro durante toda a sua passagem pela Roma, nos tempos de jogador, de 1980 a 1985. Depois disso, manteve regular contato com aquele que agora é o comandante do Brasil rumo à Copa do Mundo de 2026.

Segundo Falcão, Carlo, como faz questão de chamar, vai saber lidar com situações espinhosas, dentro e fora de campo. O bom humor e a humildade, aposta, serão as armas para resolver problemas.

“É uma liderança que vejo no Carlo”, disse o ex-jogador à reportagem: “É um cara espetacular, não mudou absolutamente nada. Ele não é afetado por tudo o que ganhou. Torço para que ele possa fazer um bom trabalho, e certamente vai fazer.”

CORREIO DA MANHÃ - Como começou a sua relação com o Carlo Ancelotti?

PAULO ROBERTO FALCÃO - Eu o chamo sempre de Carlo. Quando eu cheguei à Roma, em agosto de 1980, ele estava chegando também do Parma. Ele não mudou absolutamente nada, a não ser as vitórias [risos]. Mas não mudou nada, especialmente a humildade. Ele não é afetado por tudo o que ganhou. Ele trata todo o mundo



Paulo Roberto Falcão defendeu a chegada de Ancelotti

da mesma maneira, é um cara espetacular. Como treinador, não preciso falar nada. Ganhoun tudo em todo lugar que trabalhou. Então, eu gostei muito da vinda dele. Acho que o Brasil vai ganhar com ele, assim como ele vai ganhar a experiência de trabalhar no Brasil. Torço para que ele possa fazer um bom trabalho, e certamente vai fazer.

CM. - Ele vai ter uma rotina diferente da que tinha nos clubes, com poucos dias de treino. Isso pode atrapalhar?

PF - Tudo na vida tem prós e contras, certo? Tudo. Na seleção brasileira, ele escolhe os jogadores que ele quer para fazer o esquema que ele quer. Em clubes, muitas vezes, não é possível. Ele disse ter trabalhado com 34 brasileiros, então sempre houve essa relação. Ele vai ter menos dias para se preparar para o primeiro jogo, depois vem outra partida, também com poucos dias, mas ele conta com muitos jogadores talentosos. Vai poder

organizar o esquema que quiser, porque os jogadores que estão à disposição podem buscar o que ele pedir. Ele é muito inteligente.

CM. - Ele sempre teve carinho pelo Brasil?

PF - Sempre teve essa relação. Ele conhece, gosta do Brasil, gosta do futebol brasileiro. Quando cheguei à Itália, lembro que ele cantava para mim a música do “Meu Amigo Charlie Brown”, do Benito di Paula. Você não deve conhecer, porque é novo, mas fez muito sucesso. E eu cantava para ele “Champagne”, de Peppino di Capri. Naquela época, havia um intercâmbio da música brasileira com a italiana, mas isso parou. Então, ele ficou com uma, e eu, com a outra. Ele começou a conhecer um pouquinho do Brasil por conta da música. Nós tivemos um amistoso contra o São Paulo em 1984, mas ele não jogou porque estava machucado, se não me engano. Ele também estava na comissão do Arrigo Sacchi, em

1994, quando o Brasil conquistou o tetra. Aquele foi o ano que fez a diferença, porque o Brasil tem cinco Copas do Mundo e a Itália tem quatro.

CM - Houve uma proposta para que você assumisse um posto na comissão dele?

PF - Não houve proposta. Também ainda não conversamos. Ele está chegando agora, tem que ficar à vontade para fazer as coisas no tempo que bem entender. Você já disse que o Ancelotti é um cara que sabe desmontar polêmicas. Essa parece uma característica necessária atualmente, com tudo o que acontece na CBF.

Essa é uma característica muito boa que ele tem, que acho que pegou com as sacadas do Nils Liedholm [jogador e técnico sueco morto em 2007], nosso treinador na Roma. Ele tinha essa capacidade de desmontar qualquer problema na hora, fazia as pessoas riem apesar de um assunto sério. É uma liderança que vejo no Carlo.

CM - Falta pouco mais de um ano para a Copa do Mundo. O Ancelotti deve construir a seleção pensando no Neymar ou é hora de olhar mais para jogadores como Vinicius Junior e Raphinha?

PF - Essa é uma situação que depende dele, depende do Neymar. Ele tem toda a potência. Ele tem que querer. Eu também não estou dizendo que ele não quer ou que não está podendo por um motivo ou por outro. Eu não convivo assim com o Neymar para ter opinião. Eu não gosto de dar uma opinião em cima de coisas que eu não vejo e não acompanho.

INTERNACIONAL

CORREIO NO MUNDO

RISCO

Os EUA criticaram o ataque ucraniano a bases de bombardeiros russos no domingo (1º), sinalizando ver risco de escalada até nuclear por parte de Moscou.

A desaprovação foi expressa pelo enviado de Donald Trump para a Ucrânia, Keith Kellogg, e confirmada de forma prática pelo secretário de Defesa, Pete Hegseth, que se recusou participar da rotineira reunião de 57 países que dão apoio militar a Kiev - é a primeira vez que um americano não estará presente.

Na terça (3), Kellogg, que foi rebaixado por ser visto por Moscou como muito próximo de Zelenski, disse: “Estou te falando, os níveis de risco estão indo para o

Reprodução/ Lara Trump



Kellogg alertou para guerra nuclear

Barbárie

Israel abriu fogo na terça (3) perto de um local de distribuição de ajuda humanitária na Faixa de Gaza, para onde uma multidão de palestinos caminhava em busca de alimento. 27 pessoas foram mortas.

Viagem à lua I

A japonesa ispace tentará na tarde desta quinta (5), já madrugada de sexta em Tóquio, tornar-se a primeira empresa não americana a realizar um pouso suave na Lua. A alunissagem está prevista para as 16h24 (Brasília).

Homenagem

A visita do presidente Lula à França vai render uma bela homenagem dos locais. A Torre Eiffel será iluminada com as cores da bandeira brasileira na noite desta quinta (5), na mesma hora do jantar de Lula com Macron.

Viagem à lua II

Essa será a segunda tentativa da cia. de fazer a manobra com o módulo de pouso Hakuto-R. A primeira foi lançada em dezembro de 2022, com tentativa de pouso em abril de 2023. Uma falha levou à perda de contato com o veículo.

Protestos por salário digno

Médicos argentinos tentam frear os ajustes salariais da classe

Por Douglas Gavras (Folhapress)

Os baixos pagamentos a residentes do principal hospital pediátrico da Argentina colocaram mesmo apoiadores do governo de Javier Milei em rota de colisão com as medidas de austeridade tomadas pelo presidente desde que chegou à Casa Rosada, no fim de 2023.

Na última segunda (2), cerca de mil pessoas - incluindo médicos, apoiadores e famílias de pacientes - participaram de uma mobilização segurando velas em frente ao Obelisco, no centro de Buenos Aires, para exigir aumento salarial. O protesto foi organizado após idas e vindas na negociação com o governo Milei. Apesar de o hospital, de administração federal, ter anunciado um aumento nos pagamentos, os residentes afirmam que não houve aumento real e estão em greve.

Os salários dos enfermeiros com dez anos de serviço não che-



Milei está sendo criticado até por aliados pelos reajustes

gam a 900 mil pesos argentinos (cerca de R\$ 4.300, na cotação oficial), enquanto o pessoal administrativo e os residentes médicos não chegam a receber 800 mil pesos (R\$ 3.850). Segundo o governo, no acumulado desde janeiro, os salários tiveram aumentos de 6,8%. A inflação acumulada, no entanto, é de 11,6%.

Em entrevista a um canal favorável ao governo no YouTube, Javier Milei chegou a ironizar a situação dizendo que, para arrecadar recursos para o Hospital Garrahan, iria estrelar um espetáculo teatral no Muro de Berlim.

“Chama-se ‘Julgamento do Capitalismo’ e, basicamente, vou ser o advogado de defesa do ca-

pitalismo, vai haver um tribunal e um juiz”, disse Milei. “Sempre haverá minhas loiras voluptuosas, que vão me defender, que vão se vestir como estátuas da liberdade e tudo mais.”

Mesmo analistas políticos que costumam apoiar Milei saíram em defesa dos residentes, ressaltando que o hospital é referência no tratamento de crianças com câncer e que deveria haver um limite para o corte de gastos.

Nas redes sociais, aliados do governo diziam que o número de funcionários era maior do que o necessário e que os manifestantes estavam politizando a situação.

O governo acabou cedendo, após sofrer dias de desgaste na opinião pública, com residentes, funcionários de áreas administrativas do hospital e pais de crianças enfermas denunciando a situação em entrevistas aos meios de comunicação argentinos.

Novo protesto está marcado para esta quinta (5). O Ministério da Saúde tenta negociar.

Novo presidente toma posse na Coreia do Sul

O novo presidente da Coreia do Sul, Lee Jae-myung, assumiu o cargo na quarta (4) prometendo unir o país e retomar o crescimento econômico, após seis meses de crise política. Foi durante discurso de posse na Assembleia Nacional, a mesma que, em dezembro, havia sido cercada por militares durante uma lei marcial que durou poucas horas.

“Não importa quem você apoiou nesta eleição, servirei como um presidente que acolhe a todos e serve a todos os cidadãos”, afirmou, acrescentando, sobre a economia: “Criei uma

sociedade em constante crescimento e desenvolvimento”. Segundo ele, “é hora de restaurar a qualidade de vida da população, hoje à beira do abismo”.

O impacto das tarifas americanas levou a OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) a reduzir a projeção de crescimento da Coreia do Sul neste ano para 1%, em comparação com uma projeção de 2,1% em dezembro. O Banco da Coreia, seu banco central, foi além e fez uma previsão de 0,8%.

As exportações caíram 1,3% em maio, em relação ao mesmo

mês de 2024. As vendas para os Estados Unidos, no mês, caíram 8,1%.

Sublinhando o foco imediato na situação econômica, Lee usou sua primeira ordem executiva para criar uma força-tarefa de emergência. “Vou apoiar os líderes empresariais para que criem seus negócios livremente, cresçam e concorram no mercado global”, disse. “A inovação e o novo crescimento só são possíveis se o país enfrentar os desafios.”

Citou, no contexto econômico, que “a febre internacional pela cultura coreana deve ser con-

solidada no desenvolvimento da indústria cultural e na criação de bons empregos”.

Por outro lado, questionou a visão de “crescimento primeiro, distribuição depois”. Segundo Lee, os dois “não são contraditórios, mas complementares”, argumentando: “A polarização devido à desigualdade virou uma barreira ao crescimento, e compartilhar as oportunidades e os frutos do crescimento de maneira equitativa é o caminho para um crescimento sustentável”.

Por Nelson de Sá (Folhapress)